R.Cient./FAP, Curitiba, v.8, p. 163-180, jul./dez. 2011

Cinejornal Brasileiro: eugenia adaptada no Estado Novo

Clara Teixeira[1]

Resumo: Este artigo discute como os conceitos eugênicos foram adaptados para a realidade brasileira e como a eugenia serviu ao Estado Novo para a construção do chamado "novo homem brasileiro". Analisamos o discurso ideológico encontrado nas publicações oficiais e em alguns filmes do *Cinejornal Brasileiro* sobre atividades físicas envolvendo crianças e adolescentes. Nas análises fílmicas procuramos identificar a propagação de um padrão estético baseado nos paradigmas eugênicos denunciados por Peter Cohen em seu filme *Homo Sapiens 1900.*

Palavras-chave: Cinejornal Brasileiro, crianças, eugenia, educação física.

Abstract: This article discusses how the eugenic concepts were adapted to Brazilian reality and how eugenics served as the New State for the construction of the so-called "new Brazilian man". We analyze the ideological discourse found in official publications and some films of *Cinejornal Brasileiro* about physical activities involving children and adolescents. In filmic analysis sought to identify the spread of an aesthetic standard based in the paradigms eugenic reported by Peter Cohen in his film Homo Sapiens 1900.

Keywords: Cinejornal Brasileiro, children, eugenics, physical education.

[1] Mestre em Artes pela UFMG e professora no curso de Publicidade e Propaganda da Fundação de Ensino Superior de Passos.

Este artigo se propõe a entender como os princípios eugênicos chegaram ao Brasil e como eles foram instrumentalizados pelo Estado Novo, nos anos de 1937 a 1945. Através da análise de alguns filmes do *Cinejornal Brasileiro* e de algumas publicações oficiais divulgadas durante o governo Vargas procuramos compreender como a ideia da construção do "novo homem brasileiro" foi associada à promoção da cultura física e à "eugenização" da imagem da criança no cinema. Nestes filmes procuramos observar algumas semelhanças com o paradigma estético propagado pelas políticas eugênicas designando aqueles que seriam considerados belos e saudáveis.

Uma das questões que norteiam este artigo é: qual seria o perfil do chamado "novo homem brasileiro"? Quais características ele deveria ter? O médico Irving Fisher esboça a reposta para estas perguntas em uma publicação oficial do Estado Novo, a revista *Educação Física*, em 1943:

> A NOVA EDUCAÇÃO FÍSICA deverá formar um homem típico que tenha a seguintes características: detalhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pele são, ágil, desperto, erecto, dócil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e de pensamentos, dotado com o senso da honra e da justiça, comparticipando no companheirismo dos seus semelhantes, e levando o amor da Providência e dos homens no seu coração (FISHER apud LIMA, 1979, p.16).

O citado artigo foi escrito por Fisher em inglês e traduzido para a revista brasileira. Sendo assim, a característica dos "olhos claros" pode ter sido publicada no Brasil por uma tradução tendenciosa. De qualquer modo, a revista oficial deixa transparecer que o novo homem brasileiro, além de branco e belo, precisava ser forte para aguentar o ritmo de trabalho nas fábricas, viril para gerar mais brasileiros eugenizados e dócil para aceitar as intervenções do Estado sem resistência. É exatamente este perfil físico e comportamental que observamos nos filmes do *Cinejornal Brasileiro*. Naqueles trechos onde são exibidas ações de promoção da saúde infantil, percebemos que o discurso envolve o espectador em um sentimento de esperança em um futuro melhor. A criança, quase sempre branca e saudável, é a imagem do novo e da evolução do brasileiro.

Para desvendar os significados dos filmes, precisamos entender o contexto histórico da produção. Os anos entre 1937 e 1945 foram marcados pelo autoritarismo nacionalista do presidente Getúlio Vargas. Nesta época, havia uma grande preocupação em manter a

população convencida de que Vargas era o homem certo para ocupar sua posição e que aquele era o único regime que poderia salvar o país da crise. Dentro das suas possibilidades, Vargas investiu em um aparato de legitimação para o regime e, de certa maneira, obteve sucesso. Segundo Lauerhass (1986. p. 135), "Vargas forjou o mais elevado grau de consenso nacionalista que o Brasil jamais experimentara".

Como parte importante do aparato propagandístico do regime, o DIP foi criado em dezembro de 1939 a fim de regulamentar o exercício dos veículos de comunicação, produzir e disseminar a ideologia do Estado Novo. Esse órgão era subordinado diretamente ao presidente Vargas, fato que facilitou muito a sua atuação. Dividido pelos setores de radiodifusão, cinema e teatro, turismo e imprensa, o DIP possuía "todos os recursos indispensáveis ao exercício e ao controle da propaganda, segundo as necessidades do Estado, nada deixando a desejar em relação aos órgãos congêneres, de outros países" (SCHWARTZMAN, 1982, p.63).

Através do DIP Vargas utilizou o cinema como instrumento de legitimação do seu poder. O *Cinejornal Brasileiro* foi produzido pelo DIP, entre 1937 e 1945. Cada número é composto por filmes curtos de atualidades, com uma média de 10 minutos de duração cada, de assuntos variados como as festas cívicas, a industrialização, a exaltação à força militar do país e principalmente à figura de Getúlio Vargas. A análise de alguns filmes do *Cinejornal Brasileiro* pretende revelar como os princípios eugênicos tiveram reflexos na ideologia do Estado Novo e, principalmente, na documentação cinematográfica de atividades físicas envolvendo crianças e adolescentes. Atualmente, estes são considerados filmes de arquivo e se encontram disponíveis para consulta na Cinemateca Brasileira.

Os documentários do DIP refletem os anseios daquela época. A imagem de um país em industrialização, onde a economia estava se desenvolvendo, trazia como consequência a ideia de "evolução" do povo brasileiro. Na década de 30, os princípios eugênicos eram discutidos em todo o mundo e já tinham chegado no Brasil. A sociedade desenvolve padrões próprios e relativos para designar o que é belo. Sem dúvida alguma, estes arquétipos interferem na produção artística, criando significados.

Em 1883, Francis Galton (1822-1911) citava pela primeira vez o termo *Eugenia* significando "bem nascido". Apesar de se firmar sobre argumentos subjetivos, a eugenia surgiu com status de ciência e tinha o objetivo de aperfeiçoar o homem e fazer evoluir a espécie. Determinando a superioridade de certos homens em relação a outros, a competição e a disputa estão no cerne da concepção do termo.

A eugenia se formou a partir da teria de Galton, mas se espalhou pelo mundo com várias vertentes diferentes. Na Inglaterra, o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia aconteceu em 1912, ocasião onde foi instituído um comitê internacional de eugenia. Na França, vários estudiosos já se preocupavam com o problema da hereditariedade em casos de doenças. Ainda nessa época, foi formada uma associação internacional de eugenia com a participação da Alemanha, Suécia, Suíça e Áustria (MARQUES, 1994, p. 51-52).

No Brasil, a vinda da família real e o consequente aumento da população tornaram necessária uma intervenção higiênico-sanitária. Marques (1994, p.28) afirma que "a partir daí o Estado passaria a ter importante tática de gerenciamento da população na higiene pública: o poder político de gerir a vida". Nas primeiras décadas do século XX, a preocupação com o aumento da população e das epidemias, consequentes do trabalho industrial, sugere que novas estratégias de controle do corpo sejam desenvolvidas. As teorias eugênicas chegaram ao Brasil neste momento através de associações e grupos eugênicos internacionais. O estereótipo negativo atribuído ao Brasil, pelos estrangeiros, como sendo um país miscigenado, sujo e atrasado, poderia enfim ser revertido com a eugenia. A definição da identidade nacional e o desejo da transformação racial brasileira tornam-se possíveis.

Em 1929, Renato Kehl, médico e principal propagandista da eugenia no Brasil, lança o livro *Lições de eugenia* e, junto com o movimento internacional, inspira outros médicos a se envolverem no objetivo de "purificar a raça". Nesta mesma época, várias associações eugênicas são formadas. Ainda em 1917, Renato Kehl e Arthur Neiva, entre outros sanitaristas, articulam a formação da Liga Pró-Saneamento. Posteriormente, o mesmo grupo forma a Sociedade Eugênica de São Paulo.

Arthur Neiva e Belisário Penna fizeram uma viagem pelo país (Goiás, Bahia, Pernambuco e Piauí) a fim de relatar a condição em que vivia o sertanejo brasileiro. Em *Saneamento do Brasil* Penna afirma: "era preciso que tivéssemos um povo, e o que tínhamos não era um povo, mas um estrume dum povo que ainda há de vir" (NEIVA e PENNA apud MARQUES, 1994, p.55). Com a missão de fazer nascer o verdadeiro povo brasileiro, livre de doenças ou vícios e forte para o trabalho, os sanitaristas absorveram conceitos eugenistas para propor ações de higiene.

Em um período onde teorias racistas eram perfeitamente aceitas em todo mundo, os eugenistas brasileiros se viam na obrigação de "civilizar nossa herança indígena, roubada pelos portugueses e branquear nossa herança negra, desprezada após a abolição da escravidão" (DIWAN, 2007, p. 92). Além do mais, o pensamento racista poderia justificar o domínio das elites brancas como sendo de caráter biológico, excluindo a possibilidade de haver conflito com os ideais de igualdade social afirmados na abolição.

Segundo Kehl (apud MARQUES, 1994, p. 37), as classes pobres eram fontes de contágio de doenças, responsáveis pela degeneração da "raça" e fonte de degradação moral (por não poderem frear seus instintos). Fazer crer que os mais pobres precisavam ser eugenizados e inseridos na nova realidade econômica e social do país, aumentava o poder de controle do Estado e justificava as desigualdades sociais como sendo, naturalmente, determinadas pelas desigualdades raciais. A ascensão social somente seria possível a partir do embranquecimento e da disciplinarização da população.

Com o passar dos anos, a eugenia foi sendo adaptada à realidade brasileira o controle do comportamento passou a ser mais importante que o embranquecimento. É inegável que havia uma discordância entre a formação étnica do país e o ideal racial propagado pelas teorias eugênicas. A própria Liga Pró-Saneamento rejeitava que a miscigenação fosse um fator de atraso para o país, sugerindo diferentes abordagens e criação de uma teoria eugênica própria.

Nos anos 30, os eugenistas procuravam pensar a questão eugênica trabalhando mais pela identidade nacional do que pelo branqueamento da "raça". Instituir um sentimento de identificação nos brasileiros com base no nacionalismo era uma das principais

necessidades de Vargas, como pontua Marques:

> Mesmo com base em mecanismo psicológicos favorecedores dos preconceitos raciais dos eugenistas, as práticas não-discursivas engendradas pela eugenia nos anos 30 indicavam que as necessidades da ordem social superavam o viés racista do discurso médico-eugênico (MARQUES, 1994, p. 71-72).

Depois da fase inicial focada no saneamento, a eugenia passa a atuar para melhorar os sãos. Assim, a cultura física torna-se uma aliada do discurso eugênico brasileiro e o principal remédio para fazer evoluir o povo brasileiro. O Estado investe no discurso sobre a cultura do corpo, da saúde e da higiene com o objetivo de moldar também o corpo da nação e conquistar aqueles comportamentos requeridos pela civilização burguesa, para a manutenção da nova ordem política e econômica do país.

Com a Revolução Industrial, o homem torna-se uma ferramenta importante na obtenção do capital. A saúde e o adestramento eram fundamentais para que o trabalhador brasileiro suportasse o ritmo de trabalho nas fábricas. Por isso o exercício físico e os bons hábitos de higiene são amplamente divulgados pelo governo. Como afirma Soares, a educação física é uma importante ferramenta utilizada pelo Estado para disciplinar e preparar a sociedade:

> A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo "saudável"; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar (SOARES, 2007, p.06).

O discurso pelo melhoramento dos índices físicos foi direcionado também para as crianças e para os jovens como um remédio para purificar a "raça". A educação física foi instituída no Estado Novo como parte do sistema educacional através do artigo 15, parágrafo IX da Constituição de 1937, para a "formação física, intelectual e moral da infância e da juventude". De tal modo, os exercícios físicos, o ensino cívico e os trabalhos manuais passaram a ser obrigatórios nas escolas primárias e secundárias do país (AMARAL, 1979, p. 37 e 38).

O número 46 da revista *Educação Física*, publicou um artigo de Nicanor Miranda, chefe de educação e recreio do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, onde o autor

cita os objetivos do melhoramento físico entre jovens e adolescentes:

> Prover os meios necessários para que os homens das novas gerações sejam dotados de aptidões para exercer funções vivas na coletividade; estimular a formação de uma consciência nacional; lutar pela realização dos ideais de uma verdadeira solidariedade humana; ter sempre presente ao espírito a obediência, princípios racionáveis de justiça social; esses são os objetivos mediatos de uma educação popular que vise a supremacia da verdade e da liberdade (MIRANDA apud LIMA, 1979, p.91 e 92).

Através da formação física, Vargas queria estimular a "consciência nacional" e o "espírito a obediência" das novas gerações. Além de ser "matéria bruta" para a formação do "novo homem brasileiro" as crianças também foram utilizadas para representação simbólica do novo. Em diversas ocasiões, Vargas fez questão de ser fotografado ou filmado carregando uma criança nos braços. A metáfora de que o presidente tinha nas mãos o futuro da nação ficava clara nas publicações do DIP: "Amando as crianças, ele faz desse amor um culto à Pátria, por cujo porvir trabalha, num largo plano de realizações fecundas. (...) Em cada criança que afaga ele vê o Brasil de amanhã, mais forte e maior" (CPDOC/FGV, GV-149f , p. 2 e 3).

Segundo as publicações oficiais, a atividade física na infância devia promover o convívio social, ensinar princípios de cooperação, o trabalho em grupo, e aumentar a autoconfiança. Para o governo, eram esses aprendizados que, futuramente, transformariam aquelas crianças em adultos aptos a trabalhar pelo desenvolvimento do país. Uma criança passiva, apática e individualista não poderia contribuir para construir o desejado futuro econômico e social do Brasil. Por isso, segundo o Estado, a atividade física devia ser estimulada até com mais ênfase do que a educação intelectual. Essa orientação inusitada revela-se no texto de Nicanor Miranda para o número 46 da Revista de Educação Física: "a escola é o lugar onde a criança tem que ficar sentada, bem quietinha, quatro horas por dia nove meses por ano, absorvendo abstrações e sem a prática da experimentação" (MIRANDA apud LIMA, 1979, p.91).

É sabido que as escolas foram utilizadas como importantes ferramentas de disseminação da ideologia estadonovista. Entretanto, era preciso que o Estado também dirigisse o comportamento das crianças fora da escola, nas suas atividades de lazer. Por isso deveriam ser promovidos jogos, atividades de escotismo e colônias de férias.

Com as análises que seguem, procuramos identificar no discurso e nos significados das imagens a presença de uma mentalidade eugênica, o intuito de gerar um sentimento de gratidão em relação ao Estado e um consequente comportamento de obediência e admiração ao regime, mediante a preparação do "novo homem brasileiro" através do cuidado com as crianças.

O *Cinejornal Brasileiro* propagou a ideia de que o Estado preparava um novo país, através da documentação das competições esportivas infantis. No filme *Pela quinta vez – Rio: Os mineiros levantam o Campeonato infanto-juvenil de natação*[2] o narrador em voz *off* salienta que o campeonato "constitui-se em um acontecimento esportivo de relevo". Aparentemente, não havia distinção entre jogos infantis, juvenis ou entre adultos. Todos tinham a mesma importância para o aumento dos índices físicos do brasileiro e o mesmo destaque nos cinejornais. Neste mesmo documentário, o narrador reforça o "heroísmo" das crianças vencedoras e estimula a competição: "O maior número de vitórias desta competição cabe ao conjunto de nadadores de Minas Gerais. Confirmando o valor já revelado nas competições anteriores, conquistam pela quinta vez consecutiva o título de campeões brasileiros" (CJB, v. 3, n. 51, 1944).

Outro cinejornal que trata da competição esportiva entre crianças é *Natação – É disputado, na piscina "Guanabara", o Campeonato Infanto-Juvenil*[3]. Nele, as crianças cantam hinos patrióticos antes de começar a prova. Mais uma vez, o narrador destaca a o papel da cultura física e a importância da competição: "O torneio, que bem reflete o interesse pela cultura física no país, constitui empolgante evento esportivo para a cidade" (CJB, v. 2, n. 115, 1942).

O cinejornal *Educação Física. Porto Alegre: A natação ao alcance de todos*[4] é outro filme que exibe crianças praticando natação, mas desta vez em formato de aulas. Mesmo sem som, este documentário deixa transparecer a ideia de acessibilidade, promovida pelo Estado, para que todos os brasileiros possam elevar os seus índices físicos e se libertarem

[2] CJB, v. 3, n. 51, 1944 (Fita 077 – 2:16).

[3] CJB, v. 2, n. 115, 1942 (Fita 187 – 5:51).

[4] CJB, v.2, n. 104, 1942 (Fita 250 – 4:15).

da sua "inferioridade".

A criança devia ser assistida. Promover a saúde e o bem-estar infantil era um dever do Estado. Por isso, as ações de puericultura foram tema de diversos números do *Cinejornal Brasileiro*. Um destes documentários é o filme *Puericultura – Rio: Aspectos da campanha pela saúde da criança*[5], produzido em 1942. Neste ano Lourival Fontes deixava a direção do DIP. Mas como o Catálogo de Cinejornais não informa o mês de produção dos filmes é praticamente impossível saber quem estava à frente do Departamento quando o filme foi feito.

A cópia deste número do *Cinejornal Brasileiro* disponível para consulta na Cinemateca Brasileira não possui som. Entretanto, percebemos pelas imagens que as crianças são exibidas pelas mães como um troféu. O filme era exibido para comprovar o resultado dos programas de assistência infantil. Mostrando as crianças sendo pesadas por enfermeiras, o DIP comunica ao espectador que no Brasil novo todas as crianças serão saudáveis. Percebemos que além de saudáveis, quase todas as crianças são brancas. Esta cena representa remete à outra muito parecida encontrada no filme *Homo Sapiens 1900* (Homo Sapiens 1900, Suécia, 1998), quando Cohen fala sobre a eugenia e o seu desenvolvimento na Suécia:



Figura 1

[5] CJB, v. 2, n. 114, 1942 (Fita 250 – 04:33).

Assim, a realidade de uma população mestiça e carente é maquiada com a divulgação das imagens de crianças saudáveis e brancas. O filme segue mostrando que as crianças passam por consultas médicas e que as enfermeiras cuidam da sua alimentação. A presença do médico está ligada à representação do Estado como provedor da saúde infantil. Em *Homo Sapiens 1900*, Peter Cohen revela como o papel do médico é importante para a propagação dos princípios eugênicos. Apesar das crianças brasileiras não apresentarem características físicas consideradas "arianas", percebemos certa semelhança entre as imagens. Principalmente no que tange a figura do médico como aquele que, designado pelo Estado, cuida do futuro da nação através da ciência:



Figura 2

A próxima cena exibe um berçário cheio de crianças pequenas, onde médicos e enfermeiras andam por entre os berços cuidando dos bebês. Outras crianças maiores brincam de roda e o filme é finalizado com um *close-up* no rosto de um bebê mulato, possivelmente para criar uma ideia de que a assistência do Estado abrange todos os brasileiros.

No documentário do DIP, a criança assistida pelo Estado se transforma na representação da vida, do novo, da esperança. A família se compromete com o país cuidando e preparando seus filhos para a missão de desenvolver ainda mais o Brasil, no futuro. Ao invés de apontar os problemas de desnutrição e mortalidade infantil, o *Cinejornal Brasileiro* mostra uma solução localizada e cria a ilusão de que todas as deficiências

infantis estão erradicadas em todo o país.

Uma publicação do DIP intitulada "Diretrizes do Estado Novo", escrita por Francisco Galvão aborda a importância da assistência infantil e coloca o governo como o provedor das soluções para este problema, através do Instituto Nacional de Puericultura:

> A puericultura prepara as crianças capazes de resistir aos males que as atacarem depois no decurso de sua vida. O Ministério, compreendendo o valor dos serviços de proteção à saúde da criança, está criando o Instituto Nacional de Puericultura, para ser ao mesmo tempo um centro de estudos científicos e de propaganda intensa, de estímulo, de divulgação, centralizando todos os serviços do gênero. A política do Ministério, nesse particular, pode ser assim resumida: construção e estímulo. Construção de serviços destinados a proteger a criança: maternidades, lactários, creches, consultórios infantis, preventórios, etc. quanto ao estímulo à iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos particulares. Aí está a cooperação financeira das autoridades federais em centenas de estabelecimentos e instituições particulares e estaduais. (CPDOC/FGV, 981.082.3/G182d, p. 41 e 42)

Na ditadura de Vargas, a promoção da saúde infantil é uma preparação para a produtividade e o adestramento exigidos no futuro. A função do Instituto citado não seria somente promover pesquisas científicas na área da saúde, mas também fazer "propaganda intensa" das suas ações. Logo, percebemos que a divulgação das obras do Estado é até mais importante do que o resultado delas. O grande desafio era reforçar a confiança da população no governo e, para isso, o DIP não poupou ferramentas para forjar a solução dos problemas infantis. Para reforçar a imagem de que uma nova geração estava chegando para melhorar os índices físicos dos brasileiros, o Estado organizou diversos concursos de robustez infantil. A fim de provar para todos que as novas gerações estavam livres de doenças e prontas para se tornar o "novo homem brasileiro", os documentários do DIP registraram vários destes concursos.

Marques (1994, p.47) afirma que em 1929 esses concursos tinham a pretensão de eleger era a criança mais "eugênica" avaliando, inclusive, seus antepassados. Entretanto, os filmes mostravam as avaliações que se limitavam ao peso e ao estado geral de saúde das crianças. No *Cinejornal Brasileiro* encontramos esse tipo de concurso nos filmes *Robustez infantil - Rio: Encerramento do concurso anual promovido pelo instituto dos bancários*[6] e

[6] CJB, v. 2, n. 103, 1942.

Puericultura - Belo Horizonte: Alcança grande êxito em um concurso de robustez[7], entre outros. Como as ideias eugênicas eram amplamente discutidas na época, percebemos que o conceito de puericultura está relacionado com o de "elevação da raça". No último número citado, o narrador em voz *off* destaca essa ligação: "O concurso despertou grande interesse revelando novos e excelentes resultados da campanha que, em todo o país, se desenvolve para a formação de uma raça forte e sadia" (CJB, v. 2, n. 71, 1941). As publicações do DIP também ressaltam o trabalho do governo pela "defesa da raça": "Defendendo a maternidade, com uma assistência constante, o Governo zela pela defesa da raça, sistematizando 'preceitos necessários à conservação e ao desenvolvimento das futuras gerações que deverão assumir compromissos com os destinos nacionais'." (DIP, 1940, p.04).

O cinejornal *Semana da criança – Rio: um concurso de robustez infantil e uma interessante exposição fotográfica*[8] é um filme que nos revela como o governo é representado nestes concursos: uma grande mesa de autoridades é posicionada em cima de um palco, no alto, para deixar claro os diferentes níveis entre Estado e povo. As mães estão embaixo com seus filhos no colo. Uma grande bandeira da Cruz Vermelha está fixada na parede atrás da mesa de autoridades. No palco também há brinquedos, que são distribuídos como prêmios para as crianças que forem bem avaliadas. As principais autoridades discursam e são mostradas em destaque pelas câmeras do DIP. O conteúdo do discurso não é reproduzido pelo narrador. As mães e suas crianças são mostradas em plano geral, como uma massa de pessoas que está ali para prestar contas da sua dedicação para atingir os objetivos do Estado. Em planos mais fechados, algumas crianças são mostradas nos colos de suas mães. Mais uma vez percebemos uma semelhança do padrão estético divulgado através das ilustrações dos folhetos sobre eugenia reproduzidos no filme *Homo Sapiens 1900*:

[7] CJB, v. 2, n. 71, 1941.

[8] CJB, v. 4, n. 89 (sem registro do ano de produção). Apesar não constar no catálogo organizado por Maria Rita Galvão, este cinejornal estava disponível para consulta na Cinemateca Brasileira em 05/01/2010 (Fita 01137 – 01:44).



Figura 3

Logo após, inicia-se uma das partes mais curiosas do filme: uma corrida de bebês. As crianças, que ainda nem sabem andar, são colocadas no chão por suas mães e estimuladas a engatinharem rápido. Em meio a choro e muita confusão, cada bebê engatinha para um lado enquanto o narrador em voz *off* afirma que "os pimpolhos cumprem a prova com uma maneira muito sua, demonstrando uma concepção bastante original do que deva ser uma corrida" (CJB, v. 4, n. 89). Ao mesmo tempo em que essa sequência poderia encantar os espectadores da época, hoje ela chega a nos causar espanto. Afinal, o estímulo à competição e à formação física de crianças tão pequenas deve ser considerado benéfico ou prematuro? Uma das publicações do DIP sobre o Departamento Nacional da Criança e do Instituto Nacional de Puericultura incentiva o desenvolvimento físico infantil:

> Nesses estabelecimentos as crianças receberão assistência eficiente e direta do Estado. Desenvolvendo o espírito da criança, dando-lhe robusta formação física, o Presidente Getúlio Vargas trabalha pela grandeza da Pátria, forjando nos dias de hoje a solidez das gerações que hão de servi-la amanhã. (CPDOC/FGV, GV-149f , p.12)

O filme segue mostrando as mães com seus bebês campeões recebendo os prêmios das mãos das autoridades. Estes prêmios simbolizam o reconhecimento e a recompensa pelo trabalho familiar na formação infantil, de acordo com os padrões oficiais, e no melhoramento da "raça". O mesmo tipo de premiação também é mostrado em *Homo Sapiens 1900* comprovando que este tipo de concurso era realizado e propagado pelo cinema também na Suécia:



Figura 4

Uma menina branca, com idade aproximada entre sete e oito anos, faz uma apresentação de dança indígena. Um corte leva o espectador a uma exposição fotográfica que retrata vários momentos dos serviços de puericultura em todo o país. Durante todo o filme, o narrador em voz *off* pronuncia o seguinte texto:

> Resulta numa festividade encantadora, o concurso de robustez infantil promovido durante as comemorações da semana da criança, pela Cruz Vermelha brasileira.
>
> Fala no ato o chefe dos serviços de pediatria da instituição, o senhor Agenor Mafra.
>
> Cerca de 300 crianças participam do concurso sendo numerosos os prêmios destinados aos vencedores.
>
> O programa da festa inclui uma parte infimamente graciosa, é uma corrida de lactentes. Os pimpolhos cumprem a prova com uma maneira muito sua, demonstrando uma concepção bastante original do que deva ser uma corrida.
>
> Prossegue-se a distribuição dos prêmios, todos naturalmente de feitio capaz de interessar aos concorrentes.
>
> Uma menina da escola de bailado do municipal executa, durante a festividade, um número coreográfico baseado em motivo indígena.
>
> O departamento nacional da criança organizou para a semana dedicada à infância interessante exposição, reunindo vasto documentário fotográfico sobre serviços e práticas de puericultura no Brasil (CJB, v. 4, n. 89).

Por trás do discurso, a questão da "raça" também é tratada pelas imagens. Quase todas

as crianças mostradas são brancas, com exceção de um menino negro que aparece apenas em uma cena, no final do filme. Quando outra etnia é citada pelo número artístico, ao invés do filme exibir uma criança indígena, uma menina branca faz uma representação caricatural desse povo. Assim, percebemos que o "novo homem brasileiro" deve ser saudável, competitivo, patriota e cada vez mais branco.

O *Cinejornal Brasileiro* divulgou para todo o país as ações realizadas pelo Estado, através das colônias de férias, pela promoção da saúde e do desenvolvimento físico das crianças. A organização das colônias devia respeitar uma programação de atividades que ocupasse o dia todo dos internos. Para desenvolver bons hábitos, era preciso disciplina e destreza. Como afirma Ariosvaldo Espínola no número 20 da *Revista Brasileira de Educação Física*, em 1945, nas colônias de férias, as crianças eram "submetidas a um regime disciplinar baseado na obediência consciente" no intuito de conquistar, em poucos dias, "rápidas transformações na conduta de muitas crianças" (ESPÍNOLA apud LIMA, 1979, p.105).

Um dos filmes do *Cinejornal Brasileiro* que se ocupa em documentar as atividades de uma colônia de férias é o *Preparo físico das novas gerações – Niterói: O interventor fluminense na colônia de Sol de Icaraí*[9], produzido em 1941. Um plano geral mostra as crianças em formação quase que militar, na areia da praia. Aparentemente, elas estão cantando hinos patrióticos. As crianças estão vestindo trajes de banho e são exibidas em grupos menores. Através de *travelling* vemos que na colônia há crianças negras, mulatas e brancas. Na cena seguinte, elas estão deitadas no chão tomando um banho de sol. Todas usam chapéus. Divididas em grupos, as criança praticam diferentes atividades físicas: brincam de bola, pulam corda e correm. Depois, elas são conduzidas pelo professor para um banho de mar. Em *Homo Sapiens 1900* também encontramos uma cena parecida com banho de mar para crianças:

[9] CJB, v. 1, n. 197, 1941



Figura 5

Nas duas situações a água representa limpeza e purificação, tanto no sentido racial, quanto no sentido literal. O Estado Novo incentivou não apenas a ideia de uma "higienização racial e física", mas também divulgou esse conceito sob um discurso pela promoção da saúde. Para Ariosvaldo Espínola, a manutenção dos bons hábitos de higiene é um dos mais importantes ensinamentos deixados pela vivência na colônia de férias:

> Convém por em evidência a indiscutível influência dos ensinamentos práticos de princípios elementares de higiene que possivelmente se sedimentaram por hábito no subconsciente das crianças que os preservarão por muito tempo, senão por toda a vida e cuja repetição cotidiana por automatismo, servirá de exemplo salutar entre os membros da comunhão doméstica e escolar para a qual retornarem. (ESPÍNOLA apud LIMA, 1979, p.107)

O filme segue revelando que o interventor Amaral Peixoto está presente no almoço oferecido para as crianças. Aqui, a autoridade representa o Estado que, por sua vez, está alimentando e cuidando daquelas crianças. Durante todo o trecho, o narrador descreve as atividades desenvolvidas:

> A campanha pela elevação dos índices físicos da raça, um dos grandes objetivos da política social do presidente Getúlio Vargas, desenvolve-se metodicamente em todo o país. No estado do Rio, o interventor Amaral Peixoto dedica o máximo interesse ao problema visando, sobretudo, a saúde e o vigor das novas gerações fluminenses.
>
> Entre as numerosas iniciativas enquadradas no plano nacional do presidente Vargas, figura a Colônia de Sol de Icaraí. Na linda praia de Niterói, crianças procedentes do interior do Estado, colhem todos os benefícios dos exercícios ao ar livre, dos banhos de sol e de mar, dirigidos por técnicos de educação física e pediatras.
>
> O interventor Amaral Peixoto comparece ao almoço oferecido às crianças depois de

> uma alegre e proveitosa manhã esportiva (CJB, v. 1, n. 197, 1941).

Mais uma vez a ideia de "melhoramento da raça" é ligada à prática de atividades físicas. Lima (1979, p.104) acrescenta-nos a informação de que nas colônias as crianças eram submetidas à inspeção médica e também passavam por uma bateria de exames completos. Oferecer boa alimentação, realizar atividades físicas e promover hábitos de higiene eram os meios que o governo tinha para melhorar a saúde das crianças nas colônias de férias. Porém, fica muito claro que criar condições ideais de vida para algumas crianças por poucos dias não seria o suficiente para aperfeiçoar o desenvolvimento das novas gerações. As publicações oficiais tocam nessa problemática:

> O objetivo de uma colônia de férias não consiste unicamente em tomar as crianças durante um certo tempo, proporcionar-lhes uma viagem mais ou menos longa, fazê-las respirar o ar puro dos campos e das praias e alimentá-las cuidadosamente. Certamente, todas essas condições são indispensáveis, são mesmo primordiais, mas seria um grave erro deter-se ai. As crianças, que vão se refazer em colônias de férias devem descansar em local aprazível, respirar livremente e melhorar as suas qualidades de nutrição por meio de uma boa alimentação. Entretanto, para que os resultados sejam os melhores possíveis, necessitam de locais convenientemente escolhidos onde vive a máxima higiene e precisam também de um programa de atividades compreendendo educação física, jogos, trabalhos e exercícios interessantes (LIMA, 1979, p.99)

No entanto, os filmes do *Cinejornal Brasileiro* não mencionam a ineficácia das ações governamentais. Pelo contrário, eles criam a ilusão de que as crianças de todo o Brasil são saudáveis, felizes, disciplinadas e, quase todas, brancas. Assim, nos documentários do DIP, a criança é colocada como símbolo do desenvolvimento físico e racial do brasileiro, além de representar a garantia de um futuro melhor. No entanto, o segundo dos filmes que escapa às intenções do DIP é o da padronização de comportamentos e pensamentos de acordo com as expectativas do governo. O sentimento de gratidão, decorrente das ações públicas para promover a saúde e o desenvolvimento físico das novas gerações, transforma os adultos em indivíduos que admiram o seu governo e trabalham para o desenvolvimento do país sem apresentar resistências ou questionamentos.

As semelhanças entre os filmes do *Cinejornal Brasileiro e os* trechos de *Homo Sapiens 1900* comprovam que a ditadura de Vargas promoveu a ideia da eugenia positiva através de um padrão estético propagado pelo cinema. No entanto, o discurso oficial e a

observação crítica do período revelam o verdadeiro objetivo de Vargas: promover a aceitação do regime através de um sentimento de gratidão e patriotismo.

Referências

AMARAL, Azevedo. O estado autoritário e a realidade nacional. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1938.

DIWAN, Pietra. Raça Pura; uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo. Contexto, 2007.

DIRETRIZES DO ESTADO NOVO. CPDOC/FGV, 981.082.3/G182d. Rio de Janeiro. DIP, 1942.

GETÚLIO VARGAS, o amigo das crianças. CPDOC/FGV, GV-149f. Rio de Janeiro. DIP, 1940.

JUVENTUDE NO ESTADO NOVO: textos do Presidente Getúlio Vargas, extraídos de discursos, manifestos e entrevistas a imprensa. CPDOC/FGV, GV 133f. Rio de Janeiro. DIP, 1937 a 1945.

LIMA, Magali Alonso. Formas arquiteturais esportivas no Estado Novo (1937-1945): Suas implicações na plástica de corpos e espíritos. Rio de Janeiro. FUNARTE, 1979.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. A medicalização da raça; médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas. Editora da UNICAMP, 1994.